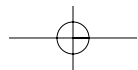
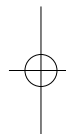
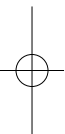




*P*orto





A chegada ao Porto

A chuva miudinha ameaçou esfriar a animação matinal na Avenida dos Aliados. A noite foi de vigília, a guardar lugar, para algumas dezenas de jovens católicos. Na viagem de helicóptero desde Fátima – foram cinco as aeronaves EH-101 Merlin disponibilizadas pela Força Aérea à comitiva – houve um ligeiro desvio na rota devido à turbulência. A aeronave, pilotada pelo tenente-coronel António Moldão e onde seguiam os 12 membros mais próximos do séquito, sobrevoou a Avenida dos Aliados antes de se dirigir ao heliporto – a parada do Regimento de Artilharia nº5 da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, antigo mosteiro seiscentista de frades agostinhos, onde aterrou o Puma que transportou o antecessor pontifício há 28 anos, na primeira visita a Portugal.

O bispo das Forças Armadas esteve entre a comitiva que recebeu o Papa no heliporto. Havia uma “cortina de fumo” à volta de Bento XVI, disse D. Januário Torgal Ferreira, e esta visita “desfez o preconceito”. O escândalo da infidelidade de membros do clero exige um “exame de consciência, há responsáveis”, mas a resposta dos católicos revela que “a Igreja não está a apodrecer”. O prelado reconhece que a viagem a Portugal foi bálsamo num difícil momento do pontificado. “Portugal recebe bem”, explica, “é amigo, solidário, dá a camisa a quem não tem camisa, crentes e descrentes têm este espírito civilizado”.

No lado sul da parada do Regimento de Artilharia nº5 lê-se numa placa: “Neste lugar esteve João Paulo II em 15 de maio de 1982.” No lado norte um mural lembra mais de 200 vítimas da Guerra do Ultramar com uma estrofe de *Os Lusíadas*: “Aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando”. O século XX português revelou também uma Igreja contaminada pelas ambiguidades da História. Um livro que, embora à beira do centenário da República, não foi aberto durante a visita papal.

JOAQUIM FRANCO

O papamóvel atravessou o Douro pela ponte do Infante. No rio dezenas de embarcações da Afurada saudaram a passagem de Bento XVI. Uma com o sugestivo nome *Predador* exibia bandeiras dos Super Dragões, a claque do F.C. do Porto.

A Avenida dos Aliados encheu, como as ruas laterais que lhe davam acesso. O papamóvel deu uma volta completa na avenida e passou ao lado dos estúdios das televisões. O Papa sorria e abençoava os fiéis. Ao lado, o bispo do Porto deixou escapar um sorriso maior, cruzou o olhar com os jornalistas e acenou. Tinha razão para estar particularmente feliz. A passagem pelo Porto não estava inicialmente prevista. Bento XVI revelou que aceitara o convite correspondendo ao desejo manifestado “com grande solicitude” por D. Manuel Clemente, uma das figuras da Igreja portuguesa mais respeitadas pela elite cultural, primeiro clérigo a receber o Prémio Pessoa (2010).

Era inevitável a comparação. O mar de gente lembrava essa quase religião que é o futebol. Este é o centro nevrálgico de outras festas da invicta, mas só os feitos futebolísticos do clube maior da cidade fazem lembrar uma moldura humana semelhante. Ironia. Se Lisboa acolheu o Papa em tons de azul, o Porto vestiu-se de encarnado por força do tempo litúrgico – dia de São Matias, o apóstolo que se juntou ao grupo original dos discípulos de Jesus para substituir Judas.

Bento XVI paramentou-se na Câmara Municipal do Porto. Recebeu das mãos do presidente Rui Rio as chaves da cidade, uma peça de porcelana com as armas da cidade e uma antologia em verso e prosa sobre o Porto – “Daqui houve nome Portugal” –, coordenada por Eugénio de Andrade.

Com 39 metros de largura, a estrutura do altar no topo da Avenida dos Aliados, que já é praça General Humberto Delgado junto ao edifício da câmara, destacou o encarnado e o dourado, inspirada no barroco da cidade. O mobiliário litúrgico foi construído e oferecido por empresas de Paços de Ferreira e de Paredes.

A proposta de uma nova *ad gentes*

O exemplo do apóstolo fiel “não obstante a debandada de muitos”, deu o mote ao Papa numa homilia que fez a síntese da viagem com uma interpelação – “Se não fordes vós as Suas testemunhas no próprio ambiente, quem o será em vosso lugar? O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo” – em jeito de apelo.

62

“Nada impomos, mas sempre propomos, como Pedro nos recomenda numa das suas cartas: ‘Venerai Cristo Senhor em vossos corações, pron-

tos sempre a responder a quem quer que seja sobre a razão da esperança que há em vós' (1 Ped 3, 15)", acrescentou Bento XVI. A visão de uma Igreja que "nada impõe" alimenta um certo paradoxo. O Papa "propõe" uma atitude de humildade, pelo exemplo de vida, como forma de expor a esperança cristã. A prática revela uma Igreja institucionalmente fragilizada, com tendência para reivindicar um lugar na intervenção política e social, impondo mecanismos de comportamento, mas negligenciando a necessária coerência, que na linguagem da Igreja é o caminho da santidade. O Papa já deu a entender que prefere uma Igreja minoritária mas santa. A intervenção da esperança cristã faz-se na adesão a um projeto de vida que se difunda. A homilia no Porto segue este rumo de pensamento. Propondo rumos de atuação política e de construção social, a Igreja não deve ser uma plataforma partidária ou estritamente ideológica. Embora, na adesão livre, as formas de concretização desse projeto, construído individualmente mas em contexto necessariamente comunitário, não tenham outro limite que não seja a convicção do amor ao próximo com a defesa incondicional da sua integridade e dignidade. O espaço de atuação pode ser assim tão vasto como ambíguo.

A responsabilidade dos cristãos é hoje mais complexa e transversal. Amplia o objeto da evangelização como resposta à secularização mais extremada. O Papa chama-lhe "irrecusável missão" e cita a encíclica *Caritas in Veritate*: "Sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja". A laicidade abre caminho a uma purificação a fé, mas o embate com o secularismo é uma missão de risco, sujeita ao fogo da radicalização. Como compatibilizar o inconciliável? Se esta deve ser a primícia, o Papa dá-lhe depois o contexto da fé cristã – "a palavra do Senhor Jesus Cristo que nos torna cientes deste dado fundamental: 'Sem Mim, nada podeis fazer' (Jo 15, 5)" – perante os problemas do desenvolvimento dos povos, "que levam ao desânimo e à rendição". Porque, neste tempo, a fé segundo a Igreja não é um dado adquirido, Bento XVI adverte os cristãos católicos: "Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter, de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo, que aliás só pode ser missionária, no movimento expansivo do Espírito. Desde as suas origens, o povo cristão advertiu com clareza a importância de comunicar a Boa Nova de Jesus a quantos ainda não a conheciam."

Humildade e coerência. Recuperar a figura de Deus nos dilemas da humanidade, na vida de cada homem e mulher, e esperar que os caminhos do "encontro" sigam o rumo da esperança cristã pela força do testemunho. Isto quando "ser" religioso ganha cada vez mais os contornos da experiência espiritual individual, laica e não institucional. Definido o

JOAQUIM FRANCO

objeto, o Papa apresentou resumidamente o cenário. As exigências de um novo “quadro antropológico, cultural, social e religioso da humanidade” obrigam a Igreja católica a repensar desafios e diálogos. Desde o Concílio Vaticano II, a evolução do diálogo ecuménico, mas sobretudo inter-religioso e inter-cultural, denuncia esta consciência de um mundo diferente, a exigir uma Igreja diferente. Bento XVI não abdica de uma Igreja que saiba “construir juntamente com cada pessoa de boa vontade a pacífica convivência dos povos”. A globalização económica e cultural, alicerçada na globalização da tecnologia mediática, criou novos espaços de missão para as religiões. Não por permitirem novas plataformas de proselitismo, essa fase já passou, mas porque a globalização instaurou um ambiente de maior liberdade individual – em certa medida, é um equívoco –, menos responsabilizadora da consciência coletiva e comunitária, consumista e promotora da equiparação de valores que antes eram intocáveis e estavam devidamente hierarquizados. Este é o novo e prioritário espaço de “missão” da Igreja, admitiu Bento XVI no discurso de posse em 2005 quando apontou o “relativismo” como um drama deste tempo.

No Porto, segunda cidade de um País que inaugurou a evangelização global, o Papa definiu a missão *ad gentes* – atividade missionária da Igreja no mundo – como um campo “alargado e não definível apenas segundo considerações geográficas”. Já não se trata apenas de “povos não cristãos e terras distantes, mas também os âmbitos socio-culturais e sobretudo os corações que são os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus”.

Vivemos um novo e tremendo capítulo na história da Igreja e das religiões. Não podem fechar-se em si mesmas. A globalização mediática aproximou povos e culturas como nunca antes na História e as religiões são chamadas a ir ao encontro das outras “verdades” que o Papa reafirmou serem legítimas. No entender do teólogo e professor académico Henrique Pinto, comentador nas transmissões televisivas da visita Papal, o futuro da Igreja católica depende “desta relação com os outros, sem se impor, mas para aprender com as ‘verdades’ dos outros”.

Acolhimento “à moda Porto”

A segurança foi garantida por videovigilância e por mais de oito mil agentes de todas as forças militares e de segurança, incluindo escoltas, atiradores especiais e SIS. Como acontecera em Lisboa, a celebração da missa foi preparada com muita antecedência e levou à conjugação de esforços entre grupos da Igreja e instituições não eclesiais. Na capital, sen-



JOAQUIM FRANCO

taram-se 40 bispos ao lado do Papa, à volta do altar. Participaram quase 500 padres e diáconos, aos quais se juntaram 100 seminaristas e 400 acólitos. A organização revela que aderiram à festa mais de 10 mil jovens e crianças. Em Fátima, os números são sempre elevados em cada peregrinação internacional. Quase 1.500 sacerdotes e 77 bispos concelebraram com o Papa. Houve mais de 250 padres a distribuir a comunhão a 35 mil peregrinos. Uma máquina habituada a grandes multidões. A presença do Papa apenas aumentou o número de peregrinos estrangeiros. O movimento Caminho Neocatecumenal, com acentuada capacidade de mobilização juvenil, marcou estrategicamente um encontro europeu em Fátima a coincidir com a visita papal. Reuniu 25 mil seguidores que deram um colorido diferente à peregrinação. Não é a primeira vez que o faz numa viagem do Papa. A dinâmica de festa deste movimento não passa despercebida. Juntam-se dezenas num círculo à volta dos músicos, com guitarras e batuques. Cantam, dançam e batem palmas numa cadência inspirada no folclore judaico.

No Porto, os números não foram muito diferentes dos de Lisboa. E se Fátima não tem comparação, houve uma diferença entre Lisboa e o Porto que o Papa não deixou escapar. Coisas de um olhar estritamente humano. A Câmara Municipal do Porto esteve desde a primeira hora ao lado da diocese na preparação da visita. Disponibilizou verbas, meios e empenho. E isso verificou-se até nas visitas técnicas dos órgãos de comunicação social. A autarquia portuense assegurou os custos logísticos do altar na Avenida dos Aliados. Sem que, com isso, fosse alvo de tantas críticas como foi o Patriarcado de Lisboa pelos custos da operação. No caso de Lisboa, o Patriarcado não solicitou a ajuda para o altar e a edilidade – que investiu no embelezamento da cidade e na aceleração das obras na Praça do Comércio para que estivessem prontas a tempo – também não se ofereceu para os suportar. A diferença explicará a forma como o Papa se dirigiu às autoridades oficiais e públicas. Na missa da Praça do Comércio, com a presença do primeiro-ministro, Bento XVI fez uma menção particular à presença do presidente da Câmara de Lisboa que “teve a amabilidade” de o honrar com a entrega das chaves da cidade. Na missa da Avenida dos Aliados, com a presença de inúmeros empresários e do líder do principal partido da oposição, o Papa destacou a “real colaboração do presidente da Câmara do Porto e de outras autoridades públicas” na preparação da visita. Quando, terminada a celebração eucarística, subiu à varanda central do edifício da Câmara do Porto para agradecer aos milhares de pessoas que ali se deslocaram, Bento XVI disse que “teria aceitado de boa vontade ao convite” para prolongar a estadia, mas não lhe era possível.

No final, já com os primeiros batedores de limpeza a entrarem na Avenida dos Aliados, um jovem com a bandeira do Vaticano numa mão e um cachecol do F. C. Porto na outra, comentou: “O homem foi recebido à moda do Porto, esta é a terra de Santa Maria.”

Habitado a plateias de fiéis e de fãs, o padre e músico José Luís Borga, outro comentador nas transmissões televisivas, viu nas multidões que acolherem o Papa sinais positivos para a Igreja, mas que são apenas pontos de partida. Se “esta gente precisava de fazer uma experiência do divino”, concretizou, “era bom que a Igreja fosse agora ousada para dar continuidade a esta experiência, pondo os pés no chão, cheirando a terra, dando esperança e abrindo horizontes”.

“Fiéis católicos ou não”

A contagem de grandes multidões em locais públicos é um risco. Se, por um lado, o número pouco acrescenta à dimensão de certos eventos, por outro, essas contagens não são pacíficas, empoladas pelas entidades promotoras dos eventos e normalmente contidas pelas forças de segurança. Independentemente dos números da adesão pública, esta foi insignificante no todo populacional, embora surpreendente face ao contexto da visita e do visitante. O País católico mobilizou-se e isso foi visível com a participação ativa de centenas de milhares de fiéis. A comunicação social apenas ampliou um acontecimento incontornável. No balanço, o Vaticano destacou a “participação extraordinária” dos católicos portugueses.

Na despedida, no aeroporto internacional Francisco Sá Carneiro, no Porto, o Presidente da República não fez distinções entre portugueses. Para Aníbal Cavaco Silva, era Portugal que se despedia “revigorado pela mensagem de esperança e confiança” deixada pelo Papa. “Os portugueses puderam estar perto do Santo Padre e conhecer melhor a Sua pessoa”, assegurou, “e Nela encontraram a bondade humana, o carisma sereno, a profundidade de pensamento, a fortaleza de ânimo, sinais inspiradores num tempo de grandes desafios como aquele que atravessamos”. O anfitrião falou em “saudades” na hora da despedida.

Nestas ocasiões, os textos são escritos com muita antecedência. Mas não há coincidências. Bento XVI, num simbólico sinal de humildade, retribuiu emendando a ousadia do Presidente. Agradeceu a “todos os portugueses, fiéis católicos ou não, aos homens e às mulheres que aqui vivem, mesmo sem aqui terem nascido”. Como quem conhece suficientemente o País que acabava de visitar, Bento XVI desejou que “não cesse”, entre os portugueses, “de crescer a concórdia, essencial para uma sólida

JOAQUIM FRANCO

coesão, caminho necessário para enfrentar com responsabilidade comum os desafios” com que se debatem.

Bagagem simbólica

Numa visita papal não há coincidências. As leituras simbólicas fazem-se nos gestos mais solenes ou nas pequenas curiosidades. Os dois motoristas que conduziram o papamóvel – na verdade foram duas as viaturas que vierem do Vaticano e que foram utilizadas – eram do Corpo de Segurança Pessoal da PSP, católicos e casados pela Igreja. Oficialmente foram escolhidos pela experiência na condução de viaturas com altas individualidades.

No regresso a Roma, uma assistente de bordo da TAP foi escolhida a dedo. Maria de Fátima nasceu num dia 13 de maio e foi batizada em honra de Nossa Senhora. Na história da partida, houve um pequeno percalço. O Airbus A320 *Columbano Bordalo Pinheiro* – um dos mais modernos equipamentos da frota de médio curso da companhia aérea portuguesa – perdeu a bandeirinha do Vaticano, colocada na cabeça do avião. Caiu na pista. A descolagem só se efetuou depois de ser entregue ao comandante, que abriu a janela da cabine para a receber em mãos. O Papa viajou na primeira fila e só comeu a sobremesa – morangos com requeijão – do almoço servido a bordo.

Na bagagem que seguiria mais tarde, Bento XVI levou uma capa oferecida por estudantes universitários do Porto. A diocese do Porto foi original e ofereceu ao Papa trabalhos simbólicos do saber universitário. Uma guitarra em materiais usados na indústria aeroespacial, construída por uma empresa incubada na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, e uma camisola que permite monitorizar os batimentos cardíacos, num projeto que começou a ser desenvolvido da Universidade de Aveiro. Prenda útil para um homem de coração frágil. À lista juntou-se a cátedra do altar do Porto e o cadeirão feito de propósito por um industrial do mobiliário para Bento XVI descansar um pouco depois da missa. O Papa Ratzinger gostou do conforto. Bastou dizê-lo para que cadeirão e cadeira pontifícia fossem oferecidos. As ofertas de última hora seguiram para Roma no dia seguinte, no mesmo avião da Força Aérea Portuguesa que levou os dois papamóveis de volta ao Vaticano.

A diocese de Leiria-Fátima juntou-se ao santuário e ofereceu o primeiro exemplar do rosário oficial de Fátima, em fio de ouro, com contas em ouro e topázio numa representação do sol e do azul céu da tradição mariana. Uma peça da joalheria Leitão & Irmão.

Numa iniciativa do Patriarcado de Lisboa, Bento XVI levou para o Vaticano uma relíquia – pedaço de osso – do padroeiro São Vicente, depositada numa caravela em miniatura feita de ouro, prata, madrepérola e coral branco, com pérolas, turquesas e rubis. A joalheira Maria João Bahia ofereceu o trabalho, mas recusou revelar o valor da peça.

Houve dezenas de ofertas de empresas e de gente anónima. Com lançadeira em tear manual, uma artesã de Lisboa descendente de pastores da serra da Estrela e especializada em paramentaria fez uma casula – adorno usado sobre a alva branca – para o Papa. Foram semanas de trabalho numa peça em seda pura vinda do Brasil, com tons de branco e azul como convém em celebrações que invocam a devoção mariana. Um trabalho por amor à arte de criar vestes com dignidade para o teatro litúrgico. A casula foi entregue na Nunciatura Apostólica. Bento XVI não a usou.

Os paramentos usados pelo Papa em Portugal vieram do Vaticano. Os concelebrantes em Lisboa e no Porto vestiram paramentos novos. Foram desenhados por um padre e encomendados a uma fábrica de Sacavém.

“Continuemos a caminhar na esperança! Adeus!”

Foram as derradeiras palavras do Papa Ratzinger em Portugal. Um homem afinal desconhecido da opinião pública portuguesa. Era visto como um professor frio, cardeal implacável, cercado pela polémica, sábio incapaz de se emocionar em público. Acabou por surpreender multidões. Goste-se ou não, ninguém pode negar o êxito mediático e momentâneo da visita. Momentâneo porque só o tempo dirá o que sobra depois da euforia. Dentro e fora da Igreja.

